

sado sucessivamente de formalista e alienado diante dos grandes problemas nacionais. "Parecia uma briga de foice e martelo", ironiza Haroldo de Campos. "O poeta e cronista mineiro Afonso Romano de Sant'Anna chegou a dizer que emparedamos toda uma geração. Mas esqueceu de registrar que fomos os primeiros a traduzir os poetas russos modernos e também Maiakovski, adotando o seu lema: sem forma revolucionária, não há arte revolucionária."

Em São Paulo, o grupo enfrentou ainda a cerrada oposição do poeta Mário Chamie e sua poesia Praxis, lançada em 1962. A disposição de Chamie contra o concretismo permanece imutável. "Foi um blefe, um equívoco já morto e sepultado, que nunca avançou além de suas bulas dogmáticas", dispara o autor de *Lavra-Lavra*, ironicamente chamado de "Ladra-Ladra" entre os concretistas.

Tantos ataques não foram suficientes para enterrar o movimento. No final dos anos 60 ele toma fôlego e ressurge com o tropicalismo. Augusto de Campos escreve o livro *Balanço da Bossa*, onde reconhece e defende os novos rumos da música brasileira. "A poesia se deslocou dos livros para a música. Houve um encontro e uma troca recíproca de influências, por trás das diferenças de comportamento e de geração", lembra Augusto. Integrado por estrelas como Gilberto Gil ou Caetano Veloso, o tropicalismo divulgou alguns *slogans* dos concretos, como "geléia geral brasileira" e "desafinar o coro dos contentes". Nos anos 70, Caetano gravou os poemas *Dias, Dias, Dias* e *Pulsar*, de Augusto de Campos. Manteve-se fiel à admiração. "Considero todos eles poetas magníficos", elogia o cantor e compositor baiano. "A alta qualidade da produção poética dos concretos é tão evidente, cristalina, que torna desinteressante a mesquinha que há em torno dessa polêmica."

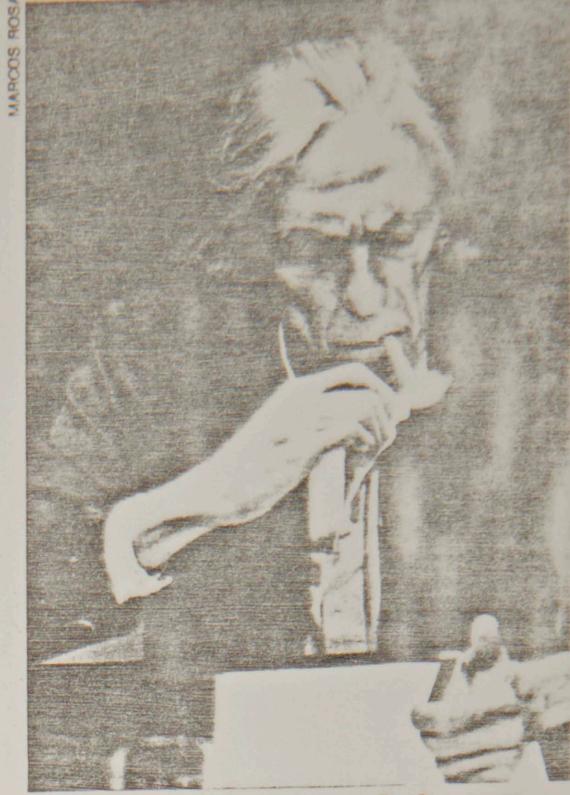
As discussões, na verdade, parecem estar na base do próprio movimento. Uma nova centelha se acendeu no ano passado, com a publicação, na *Folha de*



Chamie: blefe e equívoco

S. Paulo, do poema *Pós-Tudo*, de Augusto de Campos, e, no mês passado, com o lançamento de seu livro *O Anticrítico*. O ensaísta Roberto Schwarz, professor de teoria literária da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e autor de *Ao Vencedor as Batatas*, tradicional contestador do concretismo, indignou-se com o prefácio do livro, onde os críticos são tratados como "vermina pestilenta". Na troca de estocadas entre os dois, também pela *Folha*, não foram poucas as indelicadezas. Schwarz chamou Augusto de "Afanásio de Campos", referindo-se ao radialista Afanásio Jazadji, apologista da violência, agora eleito deputado. O troco veio rápido: Augusto nomeou Schwarz de "Beto Marvadeza". As distinções, pouco compatíveis com a elegância acadêmica, parecem não incomodar os polemistas. "A verdade é que raramente se vêem poetas discutindo poesia. Nós invadimos a área da crítica, passamos esses anos explicando e didatizando conceitos e os teóricos ficaram ferozes", opina Haroldo de Campos. Não é, apesar de tudo, uma posição cômoda. "Acho que teríamos sido mais felizes se não tivéssemos que explicar nada", pensa Pignatari. "Mexemos com conceitos arraigados, tradicionais, irritamos muitas pessoas e não podemos evitar o quadro polêmico que se cria em torno do nosso trabalho" resigna-se Augusto. "Basta observar a vaia da crítica que nos acompanhou ao longo dos anos."

Uma vaia que teve intervalos de silêncio a partir da aceitação da irretocável qualidade



Gullar: apenas uma bobagem

das traduções realizadas pelo grupo - dos textos clássicos como *Fausto* de Goethe e *A Divina Comédia*, de Dante, passando por poemas dos franceses Paul Valéry e Arthur Rimbaud. "Esse é o terreno mais visível da importância dos concretos", diz João Alexandre Barbosa, professor da Universidade de São Paulo. "Além disso, eles atacam a oposição entre prosa e poesia abolindo a separação da reflexão e criação", sustenta Luiz Costa Lima, professor da PUC do Rio. "As duas se imbricaram e sem isso teria sido impossível a redescoberta de um Sousândrade", o importante poeta romântico maranhense autor de *Inferno em Wall Street*.

O reconhecimento não é unânime, e vozes de prestígio continuam a manifestar-se contra o movimento. Em entrevista recente, o poeta Carlos Drummond de Andrade considerou o concretismo uma bobagem. Os concretos insistem, no entanto, em que Drummond foi claramente influenciado por essa "bobagem". "Basta folhear o seu livro *Lição de Coisa*, afirma Haroldo de Campos.

Radical, o poeta Ferreira Gullar aceita sequer voltar a participar das discussões. "Como Drummond, considero o concretismo uma bobagem", ele confirma apenas. "Acho que questões relacionadas à minha ruptura com o movimento são irrelevantes. Ter feito parte do concretismo é hoje para mim um ônus." Talvez Gullar tenha razão. "A poesia não passa de uma conferência sobre o nada", admite o próprio Augusto de Campos.

Roberto Comodo
Participaram Marília Martins,
no Rio, e Anne Gabriel,
em São Paulo.

